



## GT 037. Etnografias sobre a financeirização do agronegócio no Brasil: efeitos, disputas e comparações

Anna Catarina Morawska Vianna (UFSCar) - Coordenador/a, Luciana Schleder Almeida (UNILAB) - Coordenador/a

Este grupo de trabalho tem como intuito propor um debate sobre a financeirização do agronegócio no Brasil por meio de etnografias que explorem a imbricação de elementos técnicos e morais que marcam a chamada "sociedade do agronegócio" (Heredia, Palmeira, Leite 2010). São bem vindas reflexões baseadas em trabalho etnográfico que proponham, por exemplo, comparações entre o agronegócio para exportação e redes de troca de produtos não financeirizados, como o caso de sementes crioulas e produtos agroecológicos; descrições de alianças entre técnicos, grupos de pesquisa e produtores em torno de saberes e tecnologias que visam o aumento da produção e circulação de produtos; estratégias discursivas que esses agentes mobilizam para legitimar a expansão do agronegócio; etnografias sobre leilões e mercados agropecuários que joguem luz sobre novas correntes de economia e mercados; análises sobre as distintas temporalidades implicadas no "dentro" e "fora" da porteira, assim como em mercados físicos e futuros. Pretende-se, deste modo, reunir tanto pesquisadores que têm como foco central questões próprias da antropologia da economia, assim como aqueles que as tangenciam tendo em vista os processos de expropriação e conflito que seus interlocutores de pesquisa vêm enfrentando no meio rural brasileiro.

### **A aposta nos hedgers: derivativos agropecuários na formação do mercado de futuros no Brasil**

**Autoria:** Anna Catarina Morawska Vianna

O intuito deste paper é esboçar uma descrição etnográfica do papel dos derivativos agropecuários na criação de um novo mercado de futuros pelos executivos da Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) em meados da década de 1980, originalmente nomeado Bolsa Mercantil & de Futuros (BM&F). De modo a amenizar a ideia de especulação irresponsável atrelada ao mercado financeiro, a estratégia adotada pela BM&F para a promoção do novo mercado foi a de reiterar a figura do hedger: o produtor agrícola que minimizaria os riscos oriundos das oscilações de preço da sua commodity agrícola por meio do investimento em derivativos agropecuários. Tratava-se de apostar na imagem do capitalismo produtivo e não especulativo para gerar "confiança" nos investidores. Os principais produtos a deslanchar, contudo, não foram os derivativos agrícolas, mas os derivativos financeiros com os quais se podia especular em torno da oscilação de juros, índices, moedas, e outros ativos financeiros, e que compõem até hoje a maior parte das negociações no mercado de futuros no Brasil. Por meio de pesquisa em documentos oficiais da BM&F das décadas de 1980 e 1990, e alinhada a discussões recentes em antropologia das finanças, pretendo explorar como agentes do capitalismo financeiro mantêm uma proximidade retórica com a ideia de capitalismo produtivo, apesar da enorme disjunção entre o mundo da produção agrícola e o mundo do mercado de futuros.



**Realização:**



**Apoio:**



**Organização:**

